

**A mitificação de Stephen Hawking no jornal Folha de S.Paulo:
análise de dados do final de 2015**

*Stephen Hawking's myth in the Folha de S.Paulo newspaper:
data analysis finale of 2015*

Wellington Anselmo MARTINS¹

Resumo

O objeto de pesquisa deste artigo é o discurso midiático feito sobre o astrofísico Stephen Hawking. O jornal brasileiro Folha de S.Paulo é o meio de comunicação delimitado para estudo. O período para levantamento de dados midiáticos é de abril até dezembro de 2015. Este artigo é parte integrante de uma pesquisa maior, que pretende estudar a imagem midiática de Stephen Hawking do ano de 2015 inteiro. O objetivo geral deste estudo é responder à seguinte questão: na grande mídia brasileira, há sinais de discurso mitificador sobre o astrofísico Stephen Hawking? Os objetivos específicos são dois: primeiro, apresentar a noção de “mito” segundo a semiologia de Roland Barthes; segundo, aplicar o método análise de conteúdo para levantamento e crítica dos textos publicados pela Folha de S.Paulo. Os resultados desta pesquisa, enfim, confirmam que há elementos de “hawkinidade” no material analisado.

Palavras-chave: Mitificação. Stephen Hawking. Folha de S.Paulo. Semiologia. Roland Barthes.

Abstract

The research object of this article is the mediatic speech made on the astrophysicist Stephen Hawking. The Brazilian newspaper Folha de S.Paulo is the means of communication delimited for study. The period for media data collection is from April to December 2015. This article is an integral part of a larger survey, which aims to study Stephen Hawking's media image of the entire year 2015. The general objective of this study is to answer the following question: in the great Brazilian media, are there signs of mythological discourse about astrophysicist Stephen Hawking? The specific objectives are twofold: first, to present the notion of "myth" according to the semiology of Roland Barthes; second, to apply the method of content analysis to survey and critique the texts published by Folha de S.Paulo. The results of this research, finally, confirm that there are elements of "hawkiness" in the analyzed material.

Keywords: Mitification. Stephen Hawking. Folha de S.Paulo. Semiology. Roland Barthes.

¹ Mestrando em Comunicação, pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bolsista de pesquisa pela CAPES. E-mail: am.wellington@hotmail.com

Introdução

Esta pesquisa é a segunda exposição de teoria e dados que foram separados para dois artigos. Neste, apresenta-se um aprofundamento do conceito de mito e mitificação e, então, expõe-se o levantamento e análise de dados midiáticos referentes ao final do primeiro semestre e ao segundo semestre inteiro do ano de 2015.

No presente trabalho, versa-se sobre a semiologia de Roland Barthes (1915-1980, filósofo e cientista francês). Interessa para este estudo, especificamente, a noção de mito desenvolvida por Barthes e que está vinculada à crítica da grande mídia.

Exclusivamente em sua versão impressa, o jornal brasileiro Folha de S.Paulo é a mídia delimitada para estudo. E as publicações de abril a dezembro de 2015 foram observadas, quantificadas e criticadas neste trabalho, seguindo assim o método Análise de Conteúdo (Bardin, 2011).

Conforme se vê na revisão teórica do primeiro tópico deste artigo, o discurso midiático idealista e deformador pode atingir a qualquer coisa ou pessoa. Por isso, dentro desse amplo universo mítico, escolheu-se analisar as publicações feitas sobre o astrofísico britânico Stephen Hawking, uma vez que este cientista é, recorrentemente, objeto de notícias de grande apelo retórico, notícias que contribuem para a construção de sua imagem romantizada ou divinizada.

Por fim, os resultados deste estudo apontam que, no jornal Folha de S.Paulo, a propagação de uma possível “hawkinidade”, ou mito de Hawking, acontece moderada mas ininterruptamente, conforme é visível nos indícios de mitificação apontados na inferência sobre os dados levantados do tópico final do presente artigo.

A mitificação, segundo Barthes

Neste primeiro tópico, aprofunda-se a semiologia pensada por Barthes (1982), especialmente a sua mitologia, esta que é teoria útil para análise da mitificação feito sobre o físico Stephen Hawking na grande mídia brasileira.

Sistematicamente, Barthes (1982, p. 138) expõe as noções centrais de sua mitologia, que são o que ele denominou: forma, conceito e significação.

A começar pela forma. No mito, uma vez que a forma compõe o que tradicionalmente em linguística se chama de significante, não está sozinha. Ou seja, a forma, em discursos míticos, está sempre unida a um sentido.

Aqui, introdutoriamente, faz-se uma primeira diferenciação acerca de vocabulário teórico: importa que não se confunda a noção de “sentido” com a noção de “conceito” pois, apesar de aparecerem como sinônimos em muitos contextos da linguagem cotidiana, para a mitologia ou semiologia de Barthes são ideias interligadas porém diferentes.

O sentido do significante em um discurso mítico qualquer, em si, é uma comunicação plena, tem uma riqueza própria, faz parte de uma história. Ou seja, o sentido, em um caso como este, já postula um saber, é um discurso completo, sempre tem um passado, uma memória, uma certa ordem comparativa de fatos e ideias e, por isso mesmo, o sentido sozinho já possibilita uma leitura feita por algum receptor.

Para exemplificar, propõe-se a seguinte imagem: um jovem soldado negro, francês, fazendo uma saudação à bandeira da França. Tal ocasião pode ser fotografada e ir parar na capa de uma revista de grande repercussão. Enfim, nesse exemplo, a imagem do jovem soldado já constitui-se como que sendo um sentido discursivo perfeito, sem necessidade de outros acréscimos linguísticos.

“O sentido poderia facilmente bastar-se a si próprio, se o mito não o tomasse por sua conta, e não o transformasse subitamente numa forma vazia, parasita” (Barthes, 1982, p. 139). Assim, então, chega-se à noção de forma.

A forma mítica e o sentido coexistem. Porém, ao contrário do sentido, que é pleno e histórico, a forma é vazia e, assim, ela é dependente do sentido, é parasitária.

A forma mítica toma para si o sentido, mas não o mantém, modifica-o em seu conteúdo mais explícito até esvaziá-lo muito de sua história, de suas contingências, de suas inúmeras relações. Em uma palavra: a forma como que torna o sentido em apenas letras.

No exemplo dado, o louvor militar feito por um negro francês, enquanto sentido rico, inicial e puramente linguístico, refere-se a uma realidade: é um ser humano, é um jovem, descendente de negros, é francês, vive no século XX, é militar, submete-se a ordens, tem rosto, tem nome, tem sonhos, medos e dúvidas etc. Já mitificado, no

entanto, essa realidade inteira pode ser simplificada na seguinte proposição: “soldado negro faz saudação militar francesa”:

Mas como forma do mito, a proposição não revela quase mais nada desta longa história. O sentido continua todo um sistema de valores: uma história, uma geografia, uma moral, uma zoologia, uma literatura. A forma afastou toda esta riqueza: a sua pobreza presente requer uma *significação* que a preencha. [...] É preciso colocar entre parênteses a biografia do negro, se se quiser libertar a imagem, torna-la disponível para receber o significado. (BARTHES, 1982, p. 139-140).

A forma mítica, então, resumidamente, precisa fazer recuar muito do sentido histórico de uma mensagem para daí ceder lugar, esse vácuo comunicativo, a um preenchimento discursivo alinhado aos interesses de um determinado emissor.

Apesar disso, entretanto, a forma nunca suprime totalmente o sentido. Parasitariamente, para que a forma mítica possa existir, ela precisa possibilitar uma subsistência mínima ao sentido histórico inicial.

Eis, então, aqui explicitado o ponto capital daquilo que, na mitologia, chama-se de *significante*: a forma esvazia muito e empobrece o sentido, mas exatamente para tê-lo à sua disposição. “Este interessante jogo de esconde-esconde entre o sentido e a forma é o que define o mito” (Barthes, 1982, p. 140). Pode-se afirmar, assim, que a forma mítica esconde-se exatamente no sentido dos discursos. O sentido serve como algum tipo de reserva histórica, uma riqueza submissa, da qual a forma mítica se alimenta e se afasta conforme a utilidade.

Para mitificar a França ou o exército francês, que se pode chamar de francidade-militaridade, conforme o exemplo dado, a forma *significante* precisa salientar algo que está dado pelo sentido: trata-se de um militar negro. Todavia, já o fato de esse militar ser jovem e de ter ao seu lado militares que são brancos se torna desnecessário para esse mito nacionalista ou belicista, ainda que isso faça parte do sentido inicial da imagem.

A forma mítica, ou seja, se quer idealizar a imperialidade francesa, dispensa sem pudor qualquer informação verdadeira e histórica do sentido que atrapalhe ou que não contribua com o seu ideal, assim: o mito falsifica a realidade em prol de uma parcialidade.

Chegando até este ponto da teoria de Barthes, então, precisa-se aprofundar neste momento a noção de conceito, o conceito mítico.

“Vejam agora o significado: essa história que se derrama da forma é o conceito, que a vai absorver totalmente” (Barthes, 1982, p. 140). O conceito ou significado em um mito é o momento de retomar o aspecto histórico dentro de uma determinada fala, mensagem, discurso; não só retomar, mas, na verdade, recorta-se e reposiciona-se a história no mito conforme a intenção do seu autor-emissor.

A imperialidade francesa, por exemplo, no caso do militar negro, é exatamente o conceito específico desse mito.

Reitera-se, aqui, por zelo vocabular, que não se deve confundir as noções de “sentido” e de “conceito” dentro do pensamento de Barthes. Porém se esclarece agora que o conceito de um mito (a imperialidade francesa, do exemplo) pode ao menos ser denominado e entendido como um “sentido segundo”, conforme o próprio Barthes propõe.

Tal sentido segundo, que é o conceito ou significado, é a motivação do mito, é como que a própria pulsão do mito. O sentido segundo, então, é o fator de preenchimento cultural e histórico para o vácuo criado pela forma:

O conceito restabelece uma cadeia de causas e efeitos, de motivações e intenções. Ao contrário da forma, o conceito não é absolutamente abstrato, mas está repleto de uma situação. Através do conceito, toda uma *história nova* é implantada no mito: [...] o mesmo se passa com o negro fazendo a continência: como forma, o seu sentido é limitado, isolado, empobrecido; mas já como conceito [sentido segundo] da imperialidade francesa, entra de novo em contato com a totalidade do mundo: com a história geral da França, as suas venturas coloniais, as suas dificuldades presentes. Para dizer a verdade, o que se investe no conceito mítico é menos o real do que um certo conhecimento do real. (BARTHES, 1982, p. 140-141).

Acerca dessa menorização da realidade, é possível apresentar didaticamente em três etapas discursivas o processo de mitificação: primeiro, o sentido básico é passado para forma; segundo, é selecionado apenas o saber que interessa no sentido básico e o restante é perdido; terceiro, a forma então está pronta para o saber intencional do conceito, que é o seu sentido segundo.

Esse saber intencional, que é um certo conhecimento da realidade, e está na terceira etapa do processo de constituição de um mito, é sempre um significado cultural-histórico (criado), mas que tenta-se impor como sendo natural (espontâneo), para menorizar a realidade, falsificando-a.

Por isso, sob qualquer análise crítica exterior, qualquer mito sempre se confessa, no fundo, como nebuloso e confuso, pois o saber contido no conceito mítico é um saber feito a partir de associações frágeis, sem completude ou essência abstrata. Os mitos midiáticos, por exemplo, não podem se esconder totalmente de críticas exteriores.

No entanto, o sentido segundo de um mito tem por característica fundamental o fato de ser um discurso de conveniência, uma fala apropriada, por vezes trata-se de uma pregação para convertidos: “A imperialidade francesa deve afetar tal grupo de leitores e não tal outro” (Barthes, 1982, p. 141), isto é, esse sentido segundo no mito corresponde a uma função determinada, a uma tendência: a mensagem mítica é um comportamento comunicacional carregado da intenção do seu criador em atingir a uma classe receptora pré-escolhida.

E as mensagens míticas, então, no complexo de suas formas e conceitos, são uma multiplicidade. Isso, pois, os discursos não são inertes; são sempre inovados de modo criativo.

Em referência a essa multiplicidade, Barthes diz que “um significado pode ter vários significantes” (1982, p. 141), ou seja, há uma porta criativa aberta para se chegar a novos discursos, novas mensagens: um só conceito mítico pode valer-se de incontáveis formas. É possível encontrar mil imagens que expressem a imperialidade francesa, por exemplo. Por isso, “na forma e no conceito, pobreza e riqueza estão em proporções inversas: à pobreza qualitativa da forma depositária corresponde uma riqueza do conceito, aberto a toda a história; e à abundância quantitativa das formas, corresponde um pequeno número de conceitos” (Barthes, 1982, p. 141).

Ou seja, dependendo da perspectiva, o significante e o significado são discursivamente ricos e também pobres. Em síntese, o significante é rico porque pode ter infinitas formas e o significado é rico porque pode ter relações com toda a história; e ambos são pobres, o significante por causa de ser uma forma intencionalmente esvaziada de seu sentido primeiro e o significado por causa de ser um sentido segundo necessariamente preso à referência cultural que é sempre limitada. Vê-se, aqui, a complexidade discursiva do conceito que, paradoxalmente, tem na história a boa qualidade de suas referências junto de sua finita quantidade.

Essa situação das falas míticas serve como chave-interpretativa para o estudioso dos mitos, mitólogo, pois sabendo que um determinado conceito repete-se através de

diferentes meios, então possibilita-se conhecer ou descamufalar o mito. Isto é, o mitólogo procura por essa repetição, pois a insistência em um determinado comportamento discursivo mitificador revela a intencionalidade e os interesses do seu autor-emissor. Um certo autor, uma revista ou um jornal, por exemplo, para promover o mito da imperialidade francesa, pode usar-se não só de uma capa, mas de todas as capas do periódico ao longo de um ano inteiro e, ainda, pode empregar também todo o conteúdo do periódico com esse mesmo fim, essa mesma intenção. Na infinita criação de significantes, por isso, pode praticar-se a repetição de um só conceito e, assim, já não se pode mais esconder os interesses do emissor.

De outro lado, nem sempre o mitólogo depara-se com processos tão explícitos de mitificação. Então, ressalta-se aqui que, às vezes, uma forma minúscula, de insistência discreta, como uma única palavra ou gesto, também pode carregar um significado mítico profundo, cheio de relações e de pretensões.

Feito esse aprofundamento sobre a forma e o conceito míticos, Barthes então passa a tratar de ambos, agora associados ou correlacionados.

Nesta revisão teórica, deve-se esclarecer que aquilo que na semiologia geral costuma-se chamar de signo ou de terceiro termo, Barthes denominou de “significação” e, de início, ele já propõe uma analogia entre teorias: “Conforme se vê, a significação é o próprio mito, exatamente como o signo saussuriano é a palavra” (1982, p. 143).

A significação é plena e suficiente, ela é propriamente o mito, como um todo. É a significação, ou seja, a correlação forma-conceito ou, ainda mais especificamente: a correlação sentido primeiro mais a forma mais o sentido segundo. Essa correlação é que efetivamente é consumida pelo leitor-receptor de uma fala mítica.

A fala mítica, por isso, é um tipo de fala que não esconde nada. O receptor do mito tem acesso tanto à sua forma quanto ao seu conteúdo. Ou seja, não é função do mito esconder algo, como se poderia pensar ingenuamente; o mito existe para deformar, para distorcer, para camuflar, mais do que em fazer desaparecer.

Seja oralmente, como por exemplo ao se dizer “negro faz saudação militar francesa”, em que a forma está explicitada de modo linear, ou então seja visualmente, na capa de um periódico em que aparece uma fotografia, ao centro, do uniforme francês, em cima, o rosto e a pele do jovem, ao lado, a continência etc., em ambos os casos a forma continua sem esconder nada, pelo contrário, a forma mítica precisa expor-se para

servir de base. Tal base, de modo geral, seja uma frase ou uma foto, é carregada de um conceito que também está explícito. É notável a presença da “francidade” na generalidade, no contexto, do exemplo dado. A fala mítica, por isso, não esconde nada, ainda que falsifique tudo o que for necessário.

A relação que une o conceito do mito [sentido segundo, do significado] ao sentido [primeiro, do significante] é essencialmente uma relação de deformação. [...] Naturalmente, esta deformação só é possível porque a forma do mito já é constituída por um sentido linguístico. [...] O significante tem, de certo modo, duas faces: uma face plena, que é o sentido (a história do negro soldado), e uma face vazia, que é a forma. O que o conceito/significado deforma é evidentemente a face plena, o sentido: o negro é privado de sua história. (BARTHES, 1982, p. 143-144).

No entanto, essa deformação do sentido primeiro não é uma abolição, pois o soldado negro do exemplo continua existindo. Na verdade, o conceito ou sentido segundo, a significação de modo geral, o mito, o processo inteiro é dependente daquele sentido linguístico inicial, próprio do significante.

O mito, então, amputa os objetos que lhe servem de sentido, retira a sua memória, em uma só palavra: aliena. Todavia, o mito mantém a existência desses objetos, então tornados amplamente disponíveis, à serviço do conceito. Ou seja, o mito não esconde, mas aliena. Por isso, pode-se concluir pelo que é mais certo: a significação não tem nenhum compromisso com a verdade, com os fatos em sua plenitude, com o real: “O mito é um valor, não tem a verdade como sanção: nada o impede de ser um perpétuo alibi” (Barthes, 1982, p. 144), isto é, o jogo de esconde-esconde se mantém entre a forma e o conceito: ambos são expostos, mas falsificados; o sentido primeiro, do significante, serve como que um alibi para o sentido segundo, do significado, que é alienador.

Enfim, assim expõe-se que o mito, enquanto fala intencionalmente naturalizadora de fenômenos históricos, pode atingir a tudo, tudo pode roubar e corromper. O conceito mítico pode, parasitariamente, ganhar vida através de infinitos significantes (sentidos primeiros e formas) deformados: tanto uma fotografia de um soldado negro francês, como do exemplo, quanto uma entrevista de um rigoroso físico teórico, como Stephen Hawking. Tudo pode servir ao mito.

Indícios de “hawkinidade” na Folha

Agora, expõe-se, neste tópico, os dados levantados da mídia, a aplicação do método análise de conteúdo e, a partir da semiologia de Barthes propõe-se uma leitura crítica dos sinais de mitificação encontrados nos textos da grande mídia.

Quantitativamente, chegou-se ao resultado de que, de 1º de abril a 31 de dezembro de 2015, o jornal Folha de S.Paulo publicou dezessete textos citando o astrofísico Stephen Hawking.

Ao se analisar os contextos nos quais Stephen Hawking é citado pela Folha de S.Paulo, constata-se indícios de discurso deformado e mitificador em alguns casos:

O primeiro texto da busca, de 07/09/2015, sob o título “Britânico volta a ser cotado para Oscar no papel de transgênero”, na coluna Ilustrada, escrito por Guilherme Genestreti, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Premiado em 2014 pelo papel de Stephen Hawking, Eddie Redmayne vive novo personagem real na mostra italiana. [...] No ano passado, Redmayne foi premiado por outro personagem real: o físico Stephen Hawking em "A Teoria de Tudo". Agora, ele volta a se metamorfosear, mas de salto alto e vestido.

Esse texto, de modo geral, trata do filme “A garota dinamarquesa”, protagonizado pelo ator Eddie Redmayne, exposto no Festival de Veneza. Esse ator foi quem interpretou o físico Stephen Hawking em sua cinebiografia. Mas nesse texto tanto o filme “A teoria de tudo” quando o físico são secundários, ou seja, não há aqui nenhum elemento de mitificação.

O segundo texto, de 10/08/2015, sob o título “Robôs assassinos”, publicado no Editorial da Folha de S.Paulo, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Cientistas estão preocupados com a possibilidade de uma corrida armamentista no campo da inteligência artificial (IA). [...] Reunindo quase 18 mil assinaturas de pesquisadores, empresários e acadêmicos, o documento agrega nomes de peso, como o físico Stephen Hawking. [...] Resta o consolo de que cientistas, como qualquer ser humano, tendem a imaginar distopias que não necessariamente ocorrerão.

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma reflexão acerca das novas armas que a tecnologia está possibilitando existir. Apesar de Stephen Hawking ser citado de modo elogioso, ao lado da expressão “nomes de peso”, o final do texto pondera genericamente a imagem dos cientistas ao dizer que os cientistas às vezes também são pessimistas e fazem previsões distópicas para a humanidade. Tal ponderação não permite, então, concluir que nesse texto houve promoção plena do mito da hawkinidade.

O terceiro texto, de 01/08/2015, sob o título “Os robôs, as mulheres”, na coluna Opinião, escrito por Ana Estela de Sousa Pinto, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Na semana que vem, só se falará dos robôs-soldados em Buenos Aires. O físico Stephen Hawking, o dono da Tesla (montadora de carros elétricos), Elon Musk, e mais de mil especialistas em inteligência artificial lançarão, durante conferência, manifesto pedindo uma legislação global que proíba o uso militar de autômatos assassinos.

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma exposição de alguns dos dilemas que surgem com o avanço da tecnologia. O físico Stephen Hawking é citado sem adjetivos idealizados nesse texto, por isso nesse caso não há indícios de mitificação.

O quarto texto, de 19/07/2015, sob o título “Frankenstein chega a 2015 em ‘Ex Machina’”, na coluna Ilustrada, escrito por Marcelo Gleiser, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Imagine máquinas brilhantes. Será que poderíamos coexistir com elas? Como poderemos controlá-las? Pois se são mais inteligentes, a decisão é mais delas do que nossa. Stephen Hawking está preocupado. "O desenvolvimento de inteligência artificial pode causar o fim dos humanos", disse recentemente.

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma resenha sobre o filme “Ex Machina”, do diretor Alex Garland. O físico Stephen Hawking é empregado como referência de autoridade científica e uma frase de grande impacto é atribuída a ele, mas sem maiores elogios ou idealização sobre a sua pessoa. Seu nome aparece sem nenhuma credencial, é usado como que sendo uma marca. A sua autoridade já está vinculada ao imaginário popular e, por isso, dispensou-se neste texto qualquer descrição ou adjetivos

engrandecedores para o físico britânico, apesar do sinal visível de afirmação mitificadora.

O quinto texto, de 15/07/2015, sob o título “Finalmente Plutão”, na coluna Ciência+Saúde, escrito por Salvador Nogueira, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Stern é um dos que até hoje não engoliram a decisão dos astrônomos. Ao mostrar a primeira imagem, nesta terça (14), disse, provocativo: "Que tal uma salva de palmas para esse bonito planeta?" Até o físico Stephen Hawking gravou uma mensagem de congratulações à equipe.

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma comunicação do sucesso da missão espacial que levou uma sonda até próximo do planeta Plutão. O físico Stephen Hawking é acrescentado à notícia de modo suplementar, como um apelo de autoridade para dar credibilidade ao fato, ou seja, novamente aqui o seu nome é usado como uma marca, um símbolo.

O sexto texto, de 28/06/2015, sob o título “Pensadores eretos”, na coluna Opinião, escrito por Hélio Schwartsman, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Uma das preocupações do autor é limpar a história da ciência dos mitos que nela colaram [...]. Embora Mlodinow tenha dito, num livro que escreveu com Stephen Hawking, que a filosofia estava morta, ele não se furta a abordar os aspectos mais filosóficos da mecânica quântica.

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma indicação de leitura para o livro “Os pensadores eretos”, de Leonard Mlodinow. O físico Stephen Hawking aparece sem grande relevância ou adjetivação nesse contexto.

O sétimo texto, de 21/06/2015, sob o título “O evangelho da criação”, na coluna Saúde+Ciência, escrito por Reinaldo José Lopes, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Não é mera coincidência que tanto o pai da genética moderna quanto um dos artífices da teoria do Big Bang tenham sido sacerdotes. E bons assessores científicos nunca faltaram aos papas. A Pontifícia Academia de Ciências, sediada no Vaticano, tem raízes tão antigas

quanto o próprio Galileu e tem gente como o físico Stephen Hawking (ateu, assim como vários outros membros) em seus quadros atuais.

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma resenha acerca da ambientalista encíclica papal “Laudato Si”. O físico Stephen Hawking é citado como exemplo de autoridade científica, mas, nesse texto, sem maiores elogios ou engrandecimento de seu nome.

O oitavo texto, de 13/06/2015, sob o título “Máquinas se atrapalham com tarefas que humanos acham simples”, traduzido do jornal The New York Times, escrito por John Markoff, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Em filmes de ficção científica como “Ex Machina” e “Chappie”, robôs se movem com uma destreza impressionante — e muitas vezes malévola. Eles parecem confirmar os piores temores de tecnólogos e cientistas proeminentes, como Elon Musk, Stephen Hawking e Bill Gates, sobre o possível surgimento de máquinas autoconscientes dispostas a fazerem o mal à espécie humana. Hawking disse à BBC que “o desenvolvimento da inteligência artificial completa pode significar o fim da raça humana”. Calma lá. [...] Uma prévia dos trabalhos apresentados sugere que, por enquanto, não há motivos para se preocupar com o aparecimento de um Exterminador.

Esse texto, de modo geral, disserta sobre o problema da inteligência artificial e as potenciais dificuldades sociais advindas do avanço da tecnologia robótica. O físico Stephen Hawking é apresentado como “cientista proeminente” e uma frase quase profética e distópica é atribuída a ele logo em seguida. No entanto, no decorrer do texto, tal postura radical de Hawking recebe oposição aberta. Ou seja, neste contexto crítico, não há indício de mitificação.

O nono texto, de 02/06/2015, sob o título “De volta ao trabalho, no quarto, num piscar de olhos”, na coluna Mercado, escrito por Eliane Trindade, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

A carreira de Ricky, como é conhecido, foi interrompida em 2008 pelo diagnóstico de ELA (esclerose lateral amiotrófica), a mesma doença degenerativa do físico britânico Stephen Hawking. [...] Assim como seu famoso colega de batalha contra um mal que rouba as funções motoras enquanto o cérebro continua em perfeitas condições, Ricky volta ao antigo emprego em circunstâncias extraordinárias. [...] A tecnologia também lhe trouxe de volta a fala. "Uso um programa

que transforma texto em voz." O software foi desenvolvido para atender às necessidade de Hawking.

Esse texto, de modo geral, trata de narrar a situação de um profissional brasileiro que, diagnosticado com uma doença degenerativa, continua trabalhando de dentro de sua casa. O físico Stephen Hawking é apresentado no texto como “famoso” e como companheiro de luta, sem maiores elementos mitificadores.

O décimo texto, de 31/05/2015, sob o título “DVDs e Blu-Rays”, na coluna Ilustrada, escrito por Thales de Menezes, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

A biografia do cientista Stephen Hawking, centrada em sua juventude, lembra os telefilmes de doença que foram moda nos anos 1970, mas tem atuações fortes de Eddie Redmayne (que levou o Oscar) e Felicity Jones. Vale dizer: Redmayne tem se mostrado um ator medíocre em outros filmes. Talvez este seja seu único bom momento.

Esse texto, de modo geral, trata-se de uma resenha da cinebiografia “A teoria de tudo”. O físico Stephen Hawking é citado apenas uma vez e sem adjetivações significantes.

O décimo primeiro texto, de 26/04/2015, sob o título “Em busca de outras vidas”, na coluna Ilustríssima, escrito por Marcelo Gleiser, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Em 2010 o físico Stephen Hawking escreveu sobre o assunto, alegando que é melhor nos escondermos deles ou corremos o risco de sermos encontrados e eliminados. Afinal, se você está perdido numa floresta em meio a criaturas desconhecidas, a última coisa que deve fazer é gritar ou acusar sua presença. Seria o caso de temer os ETs?

Esse texto, de modo geral, trata-se de um ensaio acerca do problema da existência de vida inteligente em outros planetas. O físico Stephen Hawking é citado como referência de autoridade científica e está associado a mais um de seus alertas distópicos ou apocalípticos.

O décimo segundo texto, de 21/04/2015, sob o título “Medo da inteligência artificial”, na coluna TEC, escrito por Ronaldo Lemos, refere-se a Stephen Hawking na seguinte parte:

Há um debate curioso sobre inteligência artificial. Intelectuais de peso como Stephen Hawking e o empresário Elon Musk (fundador da empresa de exploração espacial SpaceX e criador dos carros elétricos Tesla) assinaram uma carta alertando para os potenciais negativos do avanço dessa tecnologia. [...] Isso desviou a atenção do conteúdo do documento, completamente pé no chão, feito por um grupo importante de pensadores contemporâneos. O texto não tem nada a ver com robôs assassinos. Na verdade, sua preocupação é com a pobreza e a desigualdade que a inteligência artificial pode trazer.

Esse texto, de modo geral, trata de conceituar e problematizar a questão da inteligência artificial. O físico Stephen Hawking é apresentado como “intelectual de peso” que participa de “um grupo importante de pensadores contemporâneos”. Além dos adjetivos elogiosos, esse texto também defende a posição de Hawking e demais cientistas contra as críticas que leram seus alertas de modo sensacionalista. Aqui, Hawking é aclamado e defendido, mas de modo linguisticamente ponderado.

Do décimo terceiro texto ao décimo sétimo texto que aparecem na busca, o físico Stephen Hawking é citado apenas secundariamente, pois esses textos são meras sinopses da cinebiografia “A teoria de tudo”.

Enfim, essas dezesseis (16) publicações analisadas refletem a construção discursiva, do primeiro trimestre de 2015, do jornal Folha de S.Paulo, em sua versão impressa, acerca da imagem pública de Stephen Hawking.

Considerações finais

A partir do conceito de mito, segundo Barthes, foi possível então criticar os dados do final de 2015, da Folha de S.Paulo, apresentando os elementos mitificadores publicados nos textos que versam sobre o astrofísico britânico Stephen Hawking.

Assim, respondeu-se à questão inicial desta pesquisa: se há discurso mitificador na grande mídia acerca de Hawking. A resposta afirmativa, que confirma a hipótese deste trabalho, aparece embasada na análise dos dados.

Dessa análise é que se expõe os indícios do discurso deformado, retórico, engrandecedor, idealizado e mítico. Tal discurso, por vezes, faz a cobertura jornalística esquecer-se da objetividade e da imparcialidade e, por isso, contribui para a periódica

manutenção do já conhecido mito de Hawking, a “hawkinidade” tão promovida midiaticamente mundo afora.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. São Paulo: Difel, 1982.

FOLHA DE S.PAULO. **Robôs assassinos**. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/228980-robos-assassinos.shtml>>. Acesso em: 16 ago.2016.

GENESTRETI, Guilherme. **Britânico volta a ser cotado para Oscar no papel de transgênero**. 2015. Folha de S.Paulo. 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/232110-britanico-volta-a-ser-cotado-para-oscar-no-papel-de-transgenero.shtml>>. Acesso em: 16 ago.2016.

GLEISER, Marcelo. **Em busca de outras vidas**. 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/217274-em-busca-de-outras-vidas.shtml>>. Acesso em: 08 ago.2016.

_____. **Frankenstein chega a 2015 em ‘Ex Machina’**. 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/226588-frankensteinchega-a-2015-em-ex-machina.shtml>>. Acesso em: 16 ago.2016.

LEMOS, Ronaldo. **Medo da inteligência artificial**. 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/tec/216736-medo-da-inteligencia-artificial.shtml>>. Acesso em: 19 ago.2016.

LOPES, Reinaldo José. **O evangelho da criação**. 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/saudeciencia/223394-o-evangelho-da-criacao.shtml>>. Acesso em 17 ago.2016.

MARKOFF, John. **Máquinas se atrapalham com tarefas que os humanos acham simples**. 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ciencia/2015/06/1641636-maquinas-se-atrapalham-com-tarefas-que-os-humanos-acham-simples.shtml>>. Acesso em 17 ago.2016.

MENEZES, Thales. **DVDs e Blu-Rays**. 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/221049-dvds-e-blu-rays.shtml>>. Acesso em: 18 ago.2016.

SALVADOR, Nogueira. **Finalmente Plutão**. 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cienciasaude/226215-finalmente-plutao.shtml>>. Acesso em: 17 ago.2016.

SCHWARTSMAN, Hélio. **Pensadores eretos**. 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/224264-pensadores-eretos.shtml>>. Acesso em: 17 ago.2016.

SOUSA PINTO, Ana Estela. **Os robôs, as mulheres**. 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/228007-os-robos-as-mulheres.shtml>>. Acesso em: 16 ago.2016.

TRINDADE, Eliane. **De volta ao trabalho, no quarto, num piscar de olhos**. 2015. Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/221304-de-volta-ao-trabalho-do-quarto-num-piscar-de-olhos.shtml>>. Acesso em 18 ago.2016.